

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.141

Quarta-feira, 16 de Agosto de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Batalha-Lisboa, Telefones 5339-6
Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 111 e 113

Editor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Confederação Geral do Trabalho
Editor — Mário Coelho

Não há razão para que se mantenha por mais tempo uma censura que nunca devia ter sido posta em prática.

AO OPERARIADO DE LISBOA E ARREDORES

DEVEIS RETOMAR O TRABALHO

Após quase duas semanas de luta, em que demonstrasteis um belo espírito orgânico e de protesto, sacrificando-vos económico para que se abolisse o novo regime cerealífero, — deveis retomar o trabalho, por quanto o protesto ficou exuberantemente demonstrado!

A maior eloquência deste protesto verificou-se ontem tendo em vista que sem pudermos reunir e sem «A Batalha» foi possível uma nova greve, apesar da suspensão de garantias, — medida esta que pudemos considerar infantil — por quanto não evitou que os nossos protestos se realizassem.

Este Comité, ao terminar o seu mandato, saúda entusiasticamente todos os operários conscientes que cumpriram sem preocupações de sacrifícios as determinações emanadas deste Comité.

Ao mesmo tempo lembra também que a Comissão pró-barateamento da vida, irá novamente entrar no uso das suas funções; e ao operariado compete ainda estar alerta, por quanto é parecer deste Comité que só com muita energia

da parte de todos os consumidores, conseguiremos opor uma barreira à desenfreude ganância dos exploradores da miséria do povo!

A Comissão de démarches anda no complemento dos seus trabalhos, e compete ainda ao operariado seguir com atenção o resultado final a que se deverá chegar.

Tem este Comité tido dificuldades em tornar públicas todas as fases porque tem passado o movimento, pela razão da censura imposta à imprensa e muito especialmente à Batalha, no entanto em terminando este estado de

A Batalha explicará tudo o que se passou.

A comissão de démarches e outras tratarão, ainda, da libertação dos presos, reabertura da C. G. T., U. S. O., e diversos organismos que se encontram encerrados.

VIVA A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA!
VIVA O OPERARIADO CONSCIENTE!

Lisboa, 15 de Agosto de 1922.

O Comité Central.

Ao terminar o movimento

Poucas palavras — a ver se passam...

E cedo ainda para falar do grandioso movimento que vem de ser feito em Lisboa, arredores e outros pontos do país.

Ignoramos mesmo se estas poucas palavras sairão a público, visto o excessivo rigor da censura sobre este jornal especialmente exercida.

Não podemos ainda comunicar aos nossos camaradas e leitores o quanto que há para dizer. Certamente só o poderemos fazer depois que as garantias sejam restabelecidas, pois nestes momentos, em que nem sequer a vida se tem garantida, nada se pode dizer desse que sejam verdadeiras.

No entretanto diremos desde já — se nos deixarem... — que este movimento teve o seu maior valor pela espontaneidade das massas operárias. E este facto é bastante sintomático e revela bem quanto elas sofrem com este mal estar social e económico e quanto estão dispostas a uma ação mais conforme com as necessidades de se fazer respeitada por quem até agora só delas se tem lembrado para as sobreencarregar com encargos directos e indiretos.

Os governantes, do deliberativo e do executivo, não poderão de fato tratar com a classe operária pela forma como trataram

agora. Não. É já tempo de não confundir as massas que trabalham, que produzem as utilidades para a satisfação das necessidades da sociedade, com massas de discursos de desordens, só porque manifestam vontade de que a sua saída e a sua vida não sirvam de joguetes nas mãos de castas sôfregas e ambiciosas.

Mas... vamos ao caso: terminado como está o movimento, do qual se fará a história no seu devido tempo, a serenidade deverá voltar aos espíritos daqueles que, supondo lançar balões de água num incêndio, nada mais fizeram senão contribuir para que a labareda mais se atenasse.

Quando se fizer a história deste verdadeiro facto ver-se-há se temos ou não razão do que apenas aponhamos, neste momento em que nem sequer sabemos se isto... que nada tem de subversivo e de revolucionário — se poderá dizer.

Vai-nos na alma um infinito desgosto por tudo quanto aconteceu e acontece neste país desgraçado e neste momento. Jamais se viu que, precisamente quando o povo clama unicamente por que lhe forneçam pão — notem bem: pão! — quem está encarregado da direção do mesmo povo lhe manda dar espadeiradas e tiros.

Note-se que já nada dirfamos se as espadeiradas e tiros fossem dados em luta nas ruas. Mas acontece que quem as recebia, em regra, era o povo indefeso que estacionava na praça pública como simples espectador ou que transavia desprevedendo nas ruas.

Mas, enfim, fique tudo isto para ser apreciado noutro momento.

Os parlamentares que representam as várias correntes políticas na câmara dos deputados, quando procurados pela comissão operária de démarches, declararam que estavam prontos a tratar de novo a questão desde que o movimento cessasse, para que não houvesse impressão de que o parlamento obedecia à coacção da greve.

Em vista disso foi o movimento dado por terminado. Que farão agora esses parlamentares?

Não sabemos. Ou, melhor: é fácil que nada deliberem, tanto mais que está prestes a encerrar-se o parlamento.

E, depois? Depois lembraremos que o povo não pode ser esquecido, este povo que só é soberano nos dias de eleições, mas que é depois magestoso e soberanamente esmagado.

E, por hoje...

ferir formosas palavras de amor ou vermelhas frases de revolta, a pressão assinante da mordada!

Que desordem moral a mordada causa ao oprimido, ao amordacado! Chega a parecer inacreditável que tal desordem, delirante, febril seja provocado em nome da ordem...

Do norte ao sul do país ergueram-se milhares de pessoas — almas sofradoras, esmagos vasos, cérebros enraquecidos pela miséria — para num clamor unânime reclamarem pão. Talvez metade dessa gente não tivesse esperança de obter esse pão barato, acessível e desejado — mas, pelo menos, queria gozar o prazer espiritual de fizer escutar a sua voz de pária! Pois, missão esse prazer insignificante foi vedado ao povo!

O que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de justiça, tem um sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

Do que nessa carta deixa escrito — crieia, madame Censura — vem de alma, é a expressão sincera do que sinto. Sei, no entanto, que o papel surgir em branco, horrivelmente branco, ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de desconfiança...

O que é a sociedade

Para uns, mãe, para outros, madrasta!
 doloroso contraste tirado de factos verdadeiros

Camarada redactor:— Pedia-lhe a si a cedência dum cantinho da nossa *A Batalha* para a publicação do que baixo vai escrito, o que agradeço:

Num dos passados dias da semana anterior lia-se em todos os periódicos de capital, nessa imprensa que se diz ser a alavanca do progresso, a grande e triste notícia da morte trágica dum ilustre homem de ciência, republicano honradíssimo trabalhador.

Todos os jornais lamentaram em grandiosos artigos o infasto acontecimento, da perda irreparável de um ilustre cidadão, lamentando também a morte dolorosa em que ficavam os seus três filhinhos.

Todos os homens: políticos, amigos e inimigos do ilustre extinto, fizeram na sal, na Assembleia-Nacional grandes e eloquios discursos da grande obra realizada pelo seu extinto colega, votando-se nessa sessão uma pensão vitalícia para a sua infeliz esposa e filhos que pudessem chegar a conhecer as guerras dum vida ainda mais difícil da a que neste período todos nos atravessamos.

No mesmo dia em que os «genuínos representantes do povo» faziam os seus discursos enaltecedores as altas qualidades e carácter desse grande português republicano, lia-se num jornal, que um trabalhador, que há longos meses possibilidado de trabalhar tinha rendido um subsídio à Assistência Nacional, como não obtivesse deferimento ao mesmo e visse que a miséria o invadira a passos gigantescos e a invadia o seu lar, tuberculizando

a companheira e os filhos, faltando-lhe os necessários recursos para evitar tam grande catástrofe puzera tanta exis-

ência, o que agradeço:

Que infeliz contraste éste!...

Ao primeiro, toda a imprensa, amigos e inimigos políticos fizeram resaltar o infasto acontecimento que foi a morte de um homem a quem em vida nadou a faltaria, e prontamente se solidarizaram para que fosse votada uma pensão para a viúva e filhos.

Ao segundo, um pobre filho do povo trabalhador que toda a sua vida levou lutando para que os seus o pão não faltasse, derramando o seu suor em benefício da riqueza nacional, enchendo de ouro os cofres dos eternos exploradores da humanidade — os quais encerram pobrezas metaisadas — abo-

rdos de longos anos dum trabalho extenuante, o qual, depara-lhe as fórcas, via a miséria e lhe baterem-lhe à porta, e não podendo por mais tempo encarar o quadro que à sua vista se desenrolava terminou com o seu amargo sofrimento na ocasião em que pedia auxílio à sociedade e esta lhe negou.

Para este infeliz filho do povo nem imprensa nem os representantes da vontade unânime da nação tiveram uma só palavra de comiserção, nem a sua solidariedade se fez sentir, e amanhã veremos na rua, implorando caridade, a viúva e seus filhos.

O iniqua sociedade que tantas injustiças práticas, para que deixaste sobrinhos esse desprotegido da sorte, quando ele pedia o seu auxílio?!

Um arsenalista

Viana do Castelo

10 DE AGOSTO

Fraternização burguesa

Chegou no domingo a esta cidade uma excursão de Aveiro, promovida pelo Clube dos Galitos, cuja receção, grandiosa pelas representações, não foi revestida daquele entusiasmo que se esperava.

A fraternização do povo das «duas príncipes do oceano», como se dizia, não foi mais que a fraternização dos «galitos», que não representam por forma alguma o povo de Aveiro, com o Sport-Club-Vianense que, muito menos, representa o povo de Viana.

Ao segundo, uma pobre filha do povo trabalhador que toda a sua vida levou lutando para que os seus o pão não faltasse, derramando o seu suor em benefício da riqueza nacional, enchendo de ouro os cofres dos eternos exploradores da humanidade — os quais encerram pobrezas metaisadas — abo-

rdos de longos anos dum trabalho extenuante, o qual, depara-lhe as fórcas, via a miséria e lhe baterem-lhe à porta, e não podendo por mais tempo encarar o quadro que à sua vista se desenrolava terminou com o seu amargo sofrimento na ocasião em que pedia auxílio à sociedade e esta lhe negou.

Para este infeliz filha do povo nem

passou, num período de 15 dias, a custar 1800, dizendo-se que nestes próximos dias custará 1820, isto é, o de 2^o, porque o de 1^o actualmente custa 1820.

O povo, em face disto, dorme, não vendo que o vão reduzindo a condições de escravo.

A União dos Sindicatos Operários pensa realizar uma sessão magna para tratar da carestia da vida e principalmente do pão. Corresponderá o povo trabalhador ao apelo da U. S. O? Vemos!

Santo Tirso

15 DE AGOSTO

Exploração desumana na indústria têxtil

Existindo nesta vila o grande desenvolvimento da indústria têxtil, é onde se encontra o operário na maior miséria desta classe, devido à ganância desenfreada dos industriais.

Em 1919, o gerente dumas fábricas fez paralisar a laboração, alegando não haver matéria prima, para a sua laboração pelo prazo de 6 meses. Fendo esse prazo, a fábrica continuou a sua laboração, com matéria prima que tinha armazena, que durou 18 meses, e se n que lhe fosse preciso importar géneros de qualquer qualidade. Este período de paralisação foi para exigir os depósitos — os grandes stocks de fábrica, com fabulosos lucros e pagando aos operários, principalmente aos do sexo feminino, por quinzena, o irrisório salário de 250 a 280!!!!

Com a fome estampada no rosto, com olhos encovados, onde se viam todos os horrores da miséria, — enquanto o director da fábrica comprava automóveis e gozava todos os prazeres da vida, como sendo correr praias e termas, acompanhado da sua família, esbanjando dinheiro a rodos. Ora era em outros anos transatos não o fazia, quando a vida era mais barata. Chegava-lhe quando os operários lutavam com a fome!

Os mestres da mesma fábrica, aprovavam estas e outras ocasiões, para elevarem os seus ordenados a 250 escudos mensais, além da percentagem de 3 centavos por peça, e gratificação anual de 200 a 400 escudos. Quando o pessoal menor-lhe fazia sentir a necessidade de aumento de salário, os ditos mestres, mancomunados com o gerente da mesma respondem: — «O patrão não pode dar mais!... Trabalhai 12 horas que já ganhais mais ordenados.»

Nesta fábrica nunca foi respeitado o horário de trabalho, onde sempre se trabalharam 10 horas, num serviço insalubre, onde continuam a trabalhar menores dos dois sexos, em grande número, e em cujos rostos se divisa o espectro da tuberculose!

O salário destes menores é composto de 30 a 50 centavos, ou seja por quinzena, de 432 a 637 centavos; e os adultos, com um trabalho extenuante, no percurso de 10 horas, auferem uma média de 18 a 20 escudos por quinzena. Perguntamos ao sr. gerente da referida fábrica quanto gasta por dia, para ver quanto precisamos para nos podermos alimentar, vestir e calçar, como todas as outras criaturas que pagam o pão a 10 e 11 escudos o alqueire de 17 lhos! — C.

Delegado aos congressos

A Associação de Classe dos Estudadores e Pintores, na sua última assembleia geral, nomeou delegado aos congressos da indústria e nacional operário, o camarada Eduardo Fernandes Neiva. — C.

Faro

10 DE AGOSTO

Organização operária

Devido à falta de militantes na organização operária, tem desaparecido alguns sindicatos e os que existem conservam-se num marasmo criminoso, não acudindo ao chamamento da União local.

O preço do pão

O custo da vida nestes últimos dias, crescido dum maneira assustadora, principalmente o pão, que de 80

Angelina Vidal

Foram ontem trasladados os seus ossos para o jazigo municipal

No cemitério do Alto de S. João, realizou-se ontem, pelas 15 horas, a trasladação dos ossos de Angelina Vidal para jazigo municipal, comportamento n.º 1650.

Angelina Vidal, mulher que em vida foi uma tenaz propagandista de ideias rasgadas de liberdade, ainda é lembrada com saudade por todos aqueles que conviveram com ela e tiveram ocasião de apreciar os dotes admiráveis do seu coração bondoso e da sua inteligência lucida.

A cerimónia da trasladação foi dirigida pelo maestro Hugo Vidal, filho da falecida, tendo-se formado quatro turmas. O primeiro era constituído por Guiherme Correia, Artur Arregas, Manuel Teixeira e Constantino Mendes; o segundo, por Joaquim Rocha Ribeiro, António da Silva, António Augusto e Henrique Barreto; o terceiro, por Margarida Lima Vidal, Maria da Conceição Dias, Ernestina da Silva e José Rebelo da Silva e o quarto, por José Nunes, Joaquim Flores, Joaquim Pereira Júnior e Artur Rodrigues.

Agressões

Depois de opérado de trépano no banco do hospital de S. José pelos drs. Ricardo Jorge, Sábio Pereira e Américo Durão, recolhem a enfermaria de Santa Joana, José Costa, de 60 anos, filho de Sezinando da Costa e de Mónica de Jesus, natural e residente em Peniche, o qual ali foi agredido por outro menor que lhe arrancou com uma pedra, fracturando-lhe o crânio.

Também recebeu curativo no banco e recolheu depois a casa, Manuel Pereira, de 28 anos, natural do Cadaval, servente de pedreiro e residente numa obra no Campo Pequeno, que foi agredido em Entre-Campos, ficando ferido na cabeça e rosto, ignorando-se quem fôs o agressor.

No banco do hospital de S. José recebeu curativo Joaquim Lourenço, de 12 anos, criado, residente na rua Latino Coelho, 45, 2^o, que próximo da residência foi ferido com um tiro na face esquerda, ignorando de onde partiu, e Maria Adelaida Tavares, de 34 anos, natural do Lisboa e residente na rua Possidónio da Silva, 1, 1^o, que foi agredida pelo marido, ficando contusa na cabeça.

Em Cezimbra

BRA, 14.—C.—Voltou de noite Marítimo a declarar a estrando assim ao povo desta sede que vela pelos seus interesses os donos das padarias que nos querem tirar a pele, vendendo-nos o de um tipo só a 180\$, mas tam o que se vende em Lisboa.

Os operários estão resolvidos a não tomar o trabalho sem que o pão seja mais barato.

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santo António do Hospital de José deen residiu José Domingos, de 18 anos, natural e residente em Coruche, que nas propriedades do Conde de Coruche foi colhido por uma deuhadora, ficando ferido no pé direito.

Na sala de observações do banco do mesmo hospital, deu entrada José Afonso, residente na Travessa Gibraltar, 7, operário da oficina de sabão na Companhia União Fabril, em Alcântara, que ali foi entalado entre um vagão e parede, ficando contuso no ventre.

No necrotério do Instituto de Medicina Legal deu ontem entrada um servente da fábrica União Fabril, de nome Augusto, que ali ficou entalado entre as bombas de dois vagões, tendo fôrte contuso na perna direita.

Um necrotério do Instituto de Medicina Legal deu ontem entrada um servente da fábrica União Fabril, de nome Augusto, que ali ficou entalado entre as bombas de dois vagões, tendo fôrte contuso na perna direita.

Comissariado dos Abastecimentos

Propaganda sindical

Em Vale de Galega

VALE DE GALEGA, 13—Realizou-se nesta localidade uma sessão de propaganda sindical que foi presidida pelo delegado dos trabalhadores rurais, José Faria.

O novo comissário dos abastecimentos, sr. Sá da Costa, fez distribuir a imprensa a seguir nota oficiosa:

«Por serem de interesse público dâs-se conhecimento das seguintes deliberações recentemente tomadas:

Armação Central.—Foi garantida a liberdade de trabalho e substituídos, por prazos do 1^o grupo da Companhia da Administração Militar, os carregadores que faltaram ao serviço.

Armações Reguladores.—Tomaram-se providências para que não faltem os gêneros de primeira necessidade. A parceria de amanhã os armazéns serão abastecidos de azeite, na medida do possível, pela Manutenção Militar, até que o Armazém Central esteja habilitado a distribuir este óleo aos referidos armazéns. Os mesmos armazéns estão sendo visitados pelo novo Comissário, que deseja observar pessoalmente como correm os seus serviços e quais os gêneros de que necessitam.

Carnes.—Para que não falte carne

de carne, não havendo carne, não havendo carne, mas teremos magarefes do Exército...

O novo comissário dos abastecimentos, sr. Sá da Costa, fez distribuir a imprensa a seguir nota oficiosa:

«Por serem de interesse público dâs-se conhecimento das seguintes deliberações recentemente tomadas:

Armação Central.—Foi garantida a liberdade de trabalho e substituídos, por prazos do 1^o grupo da Companhia da Administração Militar, os carregadores que faltaram ao serviço.

Armações Reguladores.—Tomaram-se

providências para que não faltem os gêneros de primeira necessidade. A parceria de amanhã os armazéns serão abastecidos de azeite, na medida do possível, pela Manutenção Militar, até que o Armazém Central esteja habilitado a distribuir este óleo aos referidos armazéns. Os mesmos armazéns estão sendo visitados pelo novo Comissário, que deseja observar pessoalmente como correm os seus serviços e quais os gêneros de que necessitam.

Carnes.—Para que não falte carne

de carne, não havendo carne, não havendo carne, mas teremos magarefes do Exército...

O novo comissário dos abastecimentos, sr. Sá da Costa, fez distribuir a imprensa a seguir nota oficiosa:

«Por serem de interesse público dâs-se conhecimento das seguintes deliberações recentemente tomadas:

Armação Central.—Foi garantida a liberdade de trabalho e substituídos, por prazos do 1^o grupo da Companhia da Administração Militar, os carregadores que faltaram ao serviço.

Armações Reguladores.—Tomaram-se

providências para que não faltem os gêneros de primeira necessidade. A parceria de amanhã os armazéns serão abastecidos de azeite, na medida do possível, pela Manutenção Militar, até que o Armazém Central esteja habilitado a distribuir este óleo aos referidos armazéns. Os mesmos armazéns estão sendo visitados pelo novo Comissário, que deseja observar pessoalmente como correm os seus serviços e quais os gêneros de que necessitam.

Carnes.—Para que não falte carne

de carne, não havendo carne, não havendo carne, mas teremos magarefes do Exército...

O novo comissário dos abastecimentos, sr. Sá da Costa, fez distribuir a imprensa a seguir nota oficiosa:

«Por serem de interesse público dâs-se conhecimento das seguintes deliberações recentemente tomadas:

Armação Central.—Foi garantida a liberdade de trabalho e substituídos, por prazos do 1^o grupo da Companhia da Administração Militar, os carregadores que faltaram ao serviço.

Armações Reguladores.—Tomaram-se

providências para que não faltem os gêneros de primeira necessidade. A parceria de amanhã os armazéns serão abastecidos de azeite, na medida do possível, pela Manutenção Militar, até que o Armazém Central esteja habilitado a distribuir este óleo aos referidos armazéns. Os mesmos armazéns estão sendo visitados pelo novo Comissário, que deseja observar pessoalmente como correm os seus serviços e quais os gêneros de que necessitam.

Carnes.—Para que não falte carne

de carne, não havendo carne, não havendo carne, mas teremos magarefes do Exército...

O novo comissário dos abastecimentos, sr. Sá da Costa, fez distribuir a imprensa a seguir nota oficiosa:

«Por serem de interesse público dâs-se conhecimento das seguintes deliberações recentemente tomadas:

Armação Central.—Foi garantida a liberdade de trabalho e substituídos, por prazos do 1^o grupo da Companhia da Administração Militar